

H&A SARNEY, José

Relatos ainda na garagem

Fernando César iniciava o dia palaciano às 8h. Recebia o presidente Sarney na garagem do Palácio do Planalto, junto com o secretário particular Jorge Murad, o general Bayma Denis e José Hugo Castelo Branco, ministro da Casa Civil. Por ali já rolavam as primeiras conversas, quando fazia um relato do que estava nos jornais. "Antes de mim, o presidente já lia, cedinho, a sinopse da Radiobras e os informes do SNI".

Fernando César não comparecia ao Palácio da Alvorada, onde, de hábito, Sarney recebia políticos para o café da manhã. "O homem era madrugador.

Começava a trabalhar muito cedo", recorda, acrescentando: "Depois do almoço, sempre dava um jeito de receber alguém fora da agenda".

Era pela manhã que a imprensa formulava perguntas ao porta-voz, para serem respondidas no final da tarde. "Não sei se rolava sacanagem, mas, às vezes, surgiam indagações muito bobas. Havia as que necessitavam de consulta



ao chefe, mas a maioria eu respondia sem ouvi-lo, pois conhecia bem o seu pensamento sobre cada o tema", jura o homem que não tinha paz nem quando ia a um restaurante, tarde da noite. "Na época, o Florentino estava no auge e eu, às vezes, passava por lá para relaxar, jantar, tomar um uísque. Se um jornalista me visse, pronto! Era aluguel geral. Eu nem via mais

os meus filhos, que já estavam dormindo, quando eu chegava em casa", ressalta.

Dificilmente, Sarney telefonava para Fernando César inquirendo-o sobre alguma notícia dos jornais. Era o contrário – o porta-voz o alertava. "Como jornalista que circulava muito e levantava muitas informações, eu estava acostumado a ler matérias precipitadas, erradas, principalmente denúncias contra governos. Por isso, devorava o *Diário Oficial*, para checar o confiável", ensina.

Fernando César acrescentou ao seu trabalho também a conferência de jornais de todas as

partes do País. "Se tivesse denúncia, eu corria atrás da apuração, pedia resposta aos ministros, o que os deixava bravos. Mas o presidente concordava que não se poderia deixar cristalizar denúncias, principalmente de corrupção".

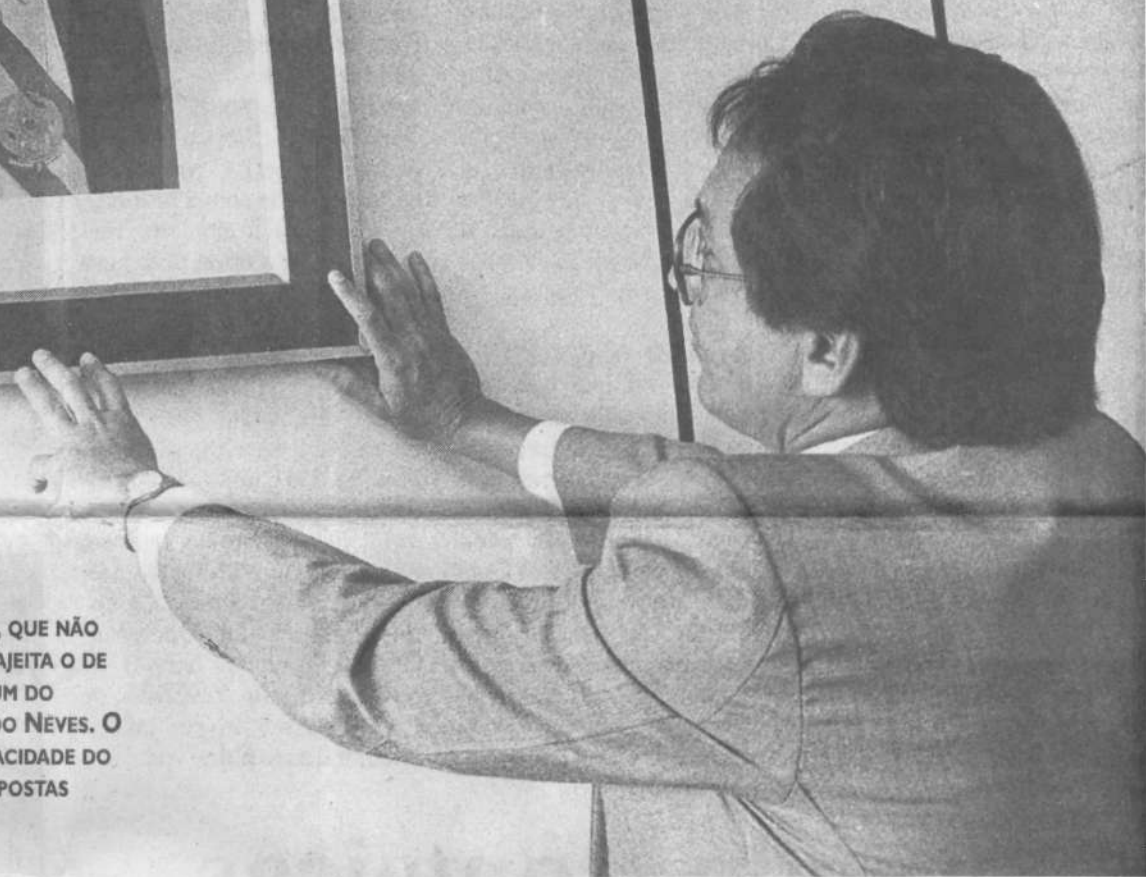
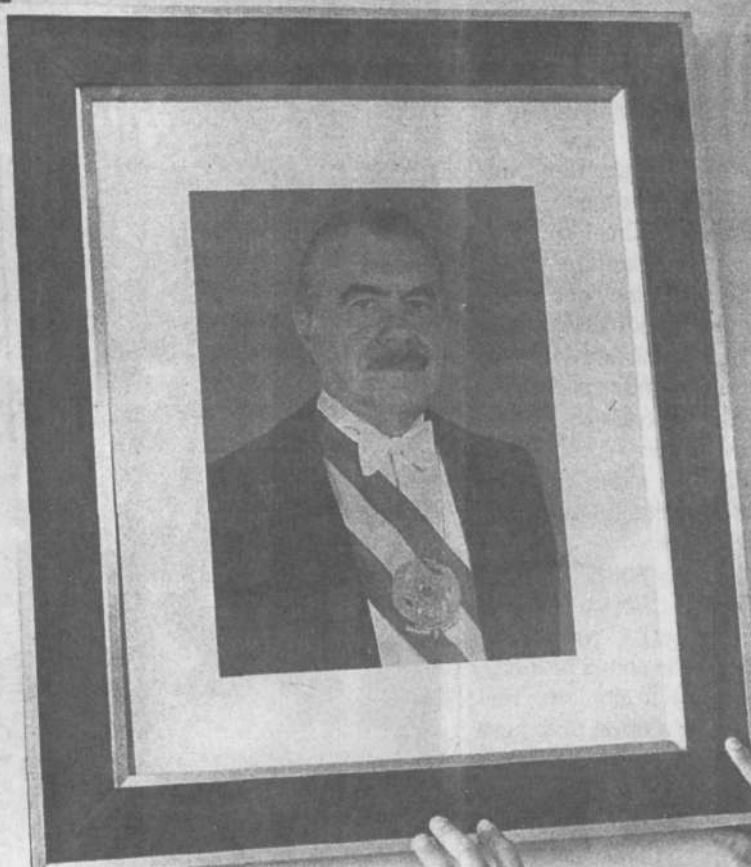
Por tanto cobrar respostas, Fernando César deixou irado o ministro da Indústria e do Comércio, Roberto Gusmão, que um dia saiu-se com esta: "Este porta-voz é o diabinho do Planalto. Fica passando denúncias ao presidente e atijando a gente no inferno".

O porta-voz teria mesmo que levar denúncias ao presi-

dente, pois este jamais lhe pedia opiniões. "Eu ficava alugando meus ouvidos e ele me ouvia com uma paciência impressionante. Era muito seguro de sua autoridade", elogia, ilustrando a afirmação com a negativa do chefe sobre uma nomeação política para o Banco Central. "Um dia veio a "pesados pecados" do indicado: "Uma terminada bancada estava descontente pegou peso contra o Sarney e nenhum de seus líderes ou vice-líderes defendeu. Achei aquilo um saforo e pedi-lhe permissão para ir à briga. Desautorizou-me. Sabia a hora". (C)



O compromisso de Tancredo Neves com o compromisso. O que ele prometeu realizar durante a campanha política, sua fidelidade. Não se esqueça!



■ RETRATOS NA PAREDE, QUE NÃO DÓEM: FERNANDO CÉSAR AJEITA O DE SARNEY E AO LADO ESTÁ UM DO PRESIDENTE COM TANCREDO NEVES. O EX-PORTA-VOZ CITA A CAPACIDADE DO ANTIGO CHEFE DE DAR RESPOSTAS